

## **Apresentação:**

Este número da Revista *Illuminuras* é dedicado a uma reflexão antropológica do curso do tempo no contexto das grandes metrópoles contemporâneas. Trata-se de uma publicação que contempla inúmeros artigos contendo as histórias vividas pelos habitantes dos grandes centros urbanos do país, seus dramas cotidianos, suas ilusões e desesperanças compartilhadas. Através de suas histórias e estórias o leitor é convidado a conhecer os meandros de certos territórios e lugares onde a vida social se tece. Iniciamos a publicação com o artigo “O sentido do trágico na paisagem sonora do mundo urbano contemporâneo”, que segue a tradição dos estudos em etnografia sonora, memória coletiva e itinerários urbanos do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV, núcleo de pesquisa que edita esta revista. Como afirmam as autoras, o tema deste artigo situa-se, assim, na linha de pesquisa da Antropologia das sociedades complexas. Ao investigar o mundo urbano contemporâneo, propomos uma reflexão sobre as sonoridades que configuram as formas sensíveis da vida cotidiana no seu interior e as imagens da crise e do medo que elas veiculam, com inspiração na pesquisa sobre as feições da crise e do medo inaugurada por Cornelia Eckert (PPGAS/UFRGS) – e membro da equipe que organiza esta revista. A pergunta que nos move é: do ponto de vista de uma etnografia da duração como as paisagens sonoras contemporâneas narram o fenômeno da crise no mundo urbano? Como os ruídos oriundos das intervenções urbanísticas sobre as antigas ambiências urbanas, a cacofonia provocada por novos equipamentos urbanos que surgem, as sonoridades de aparatos técnicos, de máquinas e de instrumentos mediando as interações sociais, ou ainda os barulhos advindos das catástrofes ambientais promovem a atmosfera de crise nos grandes centros industriais? É possível, através de uma etnografia sonora combinada com uma etnografia da duração, perceber as nuances dos excedentes de sentido e das crises que se processam no interior das cidades? Nossa proposta de discussão com este ensaio é a de refletir sobre as possibilidades que a investigação etnográfica baseada nas sonoridades do mundo urbano pode apresentar em termos dos estudos sobre disjunções e crises.

Prosseguindo na discussão acerca das formas expressivas da vida social, encontramos o artigo “Arte de fazer, arte de narrar, uma etnografia de uma pintura de paisagem em Porto Alegre” onde o tema da pintura de paisagem e da representação pictórica numa trama entre a cidade vivida e a cidade narrada, são antes anteceditos pelos jogos da memória como fio condutor que leva um velho pintor de paisagem, morador desta cidade a retratá-la como parte de um espaço fantástico onde o tempo parece dilatar-se, até atingir um repouso. A autora procura, então, compreender este processo de inscrição pictórica que se dá no agenciamento da memória coletiva e da memória social, onde o sujeito criador é interpelado pela cidade, neste caso, a cidade de Porto Alegre e seus territórios de vida social.

O quarto artigo, “A terra e os seus filhos monstruosos: a gestão da cidade sob os Trópicos”, através da gênese da assimetria no nascimento da “civilização urbana” na América barroca, procura contribuir para uma reflexão em torno da agitação temporal sob os Trópicos e as marcas da monstruosidade e da desordem como parte das formas de socialização dos segmentos populares da vida metropolitana no país e os dilemas dos processos de gestão popular em Porto Alegre, nos últimos 20 anos, a partir do Orçamento participativo e seu lema mais cidade, mais cidadania. A autora, a partir de reflexões em torno das imagens do bestial, do grotesco e do monstruoso para o nascimento da “civilização urbana” no corpo de uma América barroca, traz

contribuições, portanto, para se pensar a tópica da desordem e da assimetria na consecução de projetos de democracia participativa para os arranjos da vida social no interior das cidades brasileiras.

Partindo de tais reflexões sobre os cenários da vida urbana nas modernas sociedades complexas, este número da revista *Iluminuras* apresenta os percursos diversos que os grupos sociais realizam de seus territórios no sentido de superar um estado de fragmentação e descontinuidade. Iniciamos com o artigo “Re-inventando a cidade – mulheres, antropólogos e a temporalidade na cidade contemporânea”, onde a autora recoloca em pauta as dilacerações de uma pesquisa antropológica que aponte para uma etnografia da e na vida cidadina, sem que se possa esquecer que também nós, antropólogos, habitamos e somos habitados por ela – a grande metrópole. Para a autora trata-se de se pensar a estética do etnógrafo que tenta revelar ao mundo, através de sua obra de etnografia, a necessidade de ampliação das fronteiras do humano, reconhecendo “um pleno potencial humano de expressão cultural”, onde a humanidade, incluindo aí o próprio etnógrafo, não poderia mais ser pensado sem os seus “outros”, seus “duplos”. Para cumprir esta meta o artigo apresenta as trajetórias sociais de mulheres assujeitadas a situações de violência em suas vidas e cujas narrativas veiculam o agenciamento de tais formas de narrar a cidade desde as feições de crise e do medo.

Complexificando o panorama das formas de arranjo da vida social nas grandes metrópoles vividas no cotidiano por seus habitantes temos o artigo “Na Lapa tudo é permitido! A Lapa sob olhar e a experiência de travestis das antigas”. Um estudo etnográfico das lembranças de um grupo de travestis com mais de 60 anos, nos moldes de uma etnografia da duração, tal qual como advogado por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, em que a autora se dedica a compreender os processos pelos quais um grupo de travestis, em seu processo de envelhecimento numa grande metrópole, foi construindo suas práticas de sociabilidade relacionadas as suas vivências no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Para a autora, pensar as práticas de sociabilidade específicas deste grupo significa interpretar as interações sociais tecidas por tais travestis e conseqüentemente das suas formas de apropriação do espaço urbano bem como de suas relações, percepções e concepções da cidade, entendida aqui como cenário de atuação desses atores sociais.

Finalizando, adentramos os espaços de sociabilidade da boemia em Porto Alegre, através do artigo “Odeon: Etnografia de um Bar”. Um artigo escrito a quatro mãos e que nasceu do exercício etnográfico de um grupo de alunos da disciplina de Antropologia Visual para os alunos de graduação em Ciências Sociais da UFRGS, com a coordenação da professora Cornelia Eckert. Boemia e sociabilidade são dimensões abordadas neste artigo onde os autores procuram refletir sobre o processo de produção da prática etnográfica desde varias dimensões “textuais” da mais convencional, a escrita, passando pela fotografia, até chegar a escrita sonora do ambiente do Bar Odeon e de seus personagens na noite porto-alegrense.

Esperamos, assim, que o leitor aproveite as múltiplas leituras possíveis destes artigos, e que eles possam ser uma provocação a mais para pensarmos a pratica da pesquisa antropológica do “pequeno” no contexto das grandes metrópoles.

Ana Luiza Carvalho da Rocha